

O HÍMEN DE MALLARMÉ

PRIMEIRA PARTE

50 POEMAS ASSIM

OU O TEMPO NÃO FOGE

- Coração stop
- Poema então
- Culto renal da palavra
- Intervalo entre poemas
(não papa pipocas)
- Grandeza de Deus
- Quatro tipos de loucura
- Para leitor não desistir
- As cinzas da glória
- Eu ermo (tu ermas?)
- Berço da morte
- Lembrete ao leitor
(em meio ao livro)
- Coitado leitor
- A emil Cioran
- Seco coração
- D'abutres
- Desgosto de Deus

TEMPO NÃO FOGE. ABOLE

Por mais que o tempo não fuja de mim
em debandada horas
abandonem-me as veias
ou percorram meu corpo
endiabrando-se pelos ínvios
caminhos da mente (saltos
e cachoeiras de sinapses selvagens
estremecendo-me a alma
(que acredite em édens)
e se imiscua na carnadura das idades
como o sangue de um soneto
ou de uma hecatombe
(decretando a sucumbência do coração)
resta algo a perder sempre.

(Este poema que continua
na próxima página
foi composto após
o sétimo uísque com gelo
no numinoso terraço em ele
da casa da montanha

(Gravatá / 1999)

Não que os sumidouros morreram.

Não que as sílabas estejam cansadas.

Não que a alma não mais ulule
como antigamente (latim do corpo).

Não que os lamentos se petrificaram.

Não que saudade seja só um rastro
ou uma mentira (meio que encantada).

Não que os domingos perderam o brinco.

Não que o luar caia como pedra ou coroa
sobre jardim fúnebre.

Não que o sangue das estrelas coagule nos olhos
e o leite da constelação rasteje.

Só porque hoje é sábado.

E a ainda dorme
enquanto eu não sobrevivi
à sexta-feira sem paixão.

CORAÇÃO STOP (1999)

O coração coleta tempo
(é válvula de músculo, bomba
não ampulheta de areia vândala)
que jorra como sangue crônico
pelas veias e desvãos.

O coração estraga
com veleidades humanas
e arritmias estranhas
a emoção.

Ultrapassa os muros da alma
(mas não se devora).

Porque demora entre
um crápula e uma dama
entre uma sinapse e um demônio
entre uma sístole e outra diástole
se desfibrila e stop.

SEIS POEMAS ANTIGOS (2000)

Ancorados na tarde velho barco
sonha com mares do meio-dia
(e auroras náufragas).

Dorme em portos descabidos
quase abandonado
sepultado com a âncora
amado da maresia.

Pássaros de lado
incurso nas normas
do ar carnívoro
alardeiam
suas asas úmidas.

Avoam sobre
estepes de lixo
e escombros novos.

No limbo silencioso
e quase branco estive
antes de cada palavra.

Porque a preparação para o poema
é como a preparação para a morte.

Nos cais dos ódios busque
flor náufraga
do remorso úmido da vida.

(Recolhidos do baú de Gravatá)

POEMA ENTÃO

Tua boca estava calada
os olhos prostrados
no abandono
teu torso era de abril
de cisne de azulejo
e bom-bril
tua mão rimava com a aurora
que se despia sobre as águas do início
tua sombra bramante negro
tua sombra bramente negro
parecia duas
o olhar noturno
fazia temer a lua
uma rosa ria
em teu cabelo graúna
e o gesto palavra
da mão que uma palavra
para o passo trôpego.

Tudo seria meu
se tu urgisse
em cada pausa
ou demora da vida.

CULTO RENAL À PALAVRA

Multiplicação de pães e rins
olhos embuçados no baralho
a sombra dos naipes escondida
numa caderneta de pedra amiga.

Aurora dos lábios em demasia
Silencio em catadupa.

O amor a mendigar
pães de afeto
urges de usura.

A imensidade do sim termina
em dois nãos.

Um de água, outro de orgulho.
(Vou morrer, vou rever a vida?)

Gravatá ébria de 1999

ADEUS VITAL

Último dobre soava ainda
a sombra ereta no meio do dia
olhava ador
um candelabro morra.
Das janelas do céu
Estrelas estrilavam
Na lonjura.
A última luz
que lacerou o céu
foi de uma estrela baldia
e calada.
O enterro foi nu
lagrimas bastas
correram como avestruzes
doidos pelos rostos tristes
de dois ou três amigos
restantes.
O dobre retinia
no silencio invencível
do cadáver.

Gravatá (2000 - Século XX)

RATOS**às baratas do secreno****aos ratos do berco**

Ratos urgem o verão
com seus roídos
(estilhaçam qualquer silêncio)
que alastram
de pequenos tumultos
a solidão da cozinha
(e as minúcias silenciosas das dispensas)
que vara a madrugada humana.

Seus dentes incisivos
são parágrafos de pedra
capítulo de albuminas.

Suas pequenas (e ágeis) mandíbulas
escassas e potentes máquinas de rinação
rasgam os plásticos
e as penínsulas de grãos.

Os ratos amam ameixas abertas
e álgebras de estrelas
(além de xadrez de galáxias)
porque são nuas.

Se locupletam de dez ruídos
que amordaçam
antes da ruína do queijo.

Ratos são como
montanhas parindo
caixas de desejos
e fetos de bolacha
de tão ruidosos
e persistentes.

Gravatá, 1999

INTERVALO ENTRE POEMAS

(NÃO PARA PIPOCAS)

Segundo Valéry, a força de um poema decorre do número de interpretações que desperte ou que se lhes possa dar o leitor

(ou dos sentimentos ambíguos ou contraditórios que enseje a quem o leia gratuitamente).

É fraco todo poema de sentido unívoco

forte o de sentido equívoco:

eis a equação valeryana a resolução do leitor.

Poema de mão única não leva a lugar nenhum

(ou sempre a lugar algum, o que é a mesma coisa)

Se o sentido do poema- sua alma (seu corpo é a palavra)

não for polêmico, problemático

se for passivamente aceito, decifrado, digerido

se a leitura não for um busca do sentido perdido

então o poema não tem futuro. É natimorto

externo. Aborto de palavras. Com tino e trena, mas sem alma.

Só a guerra dos vários ângulos
e das enerrações eleva o poema
à potência válida, à condição de objeto da fruição intelectual
ou sensível do homem, à categoria de poema.

O poema de sentido pacífico, indubitável
(estabelecido, lado, apriori, predefinido)

é inofensivo, eunuco, impotente, nada

(para não falar de flores)

para não dizer medíocre duplamente.

(por vir de poeta medíocre para leitor mais medíocre ainda).

Com as raras exceções confirmatórias da regra.

As batalhas interpretativas são prédios da vida do poema.

(são lição do significante)

E quanto mais riqueza angular, sentido marginal

quanto mais silos de sentidos

arsenais exegéticos, gamas de visão

veios de (des)entendimentos, quanto mais

pólem de debates, (garga...), mais longevidade

mais verdade o poema traz. Daí

a seiva viva e eterna de O cemitério marinho.

E viva VALÉRY!

DOIS POEMAS DE DEPOIS

Cativo o inútil

porque os iguais
não se rendem
ao assimétrico
que os assombram.

O universo é tão pouco útil
como a eternidade é inútil.

2001

OUTRO POEMA (DE 2006)

Temo o rumor.
Ele é como um gato
que se esgueire
no nevoeiro de Garanhuns.

(a João Marques e Cândido)

CRÓTALO CONSONONTAL

Burilo sílabas

para que elas se assemelhem

a crótalos e alicates

dentes incisivos como cruzes

aliteraões de luzes

a infligir venenos e cinzas

no poema.

Tarântulas e dízimos

eu levava ao altar ou jaula

como oblação ou sacrifício (sacramentar).

Eu me desdobrava

em usinas e manicômios

para salvar a usura do mundo.

INTERVALO ENTRE POEMAS

(NÃO PARA PIPOCAS)

Segundo Valéry, a força de um poema decorre do número de interpretações que desperte ou que se lhes possa dar ao leitor (ou dos sentimentos ambíguos ou contraditórios que enseje a quem o leia gratuitamente).

Fraco todo poema de unívoco sentido é forte o de sentido bem equívoco: eis a equação valeryana à resolução do leitor.

Poema de mão única não leva a lugar nenhum
(ou sempre a lugar algum, o que é a mesma coisa).

Se o sentido do poema – sua alma (seu corpo é a palavra)
não for polêmico, problemático
se for passivamente aceito, decifrado, digerido
com dentes metafísicos amaciado
se a leitura não for uma busca do sentido perdido
então o poema não tem futuro. É natimorto.

As batalhas interpretativas
são puras prélios da vida do poema
(liças do significante com a pátina do significado).
E quanto mais riqueza angular
sentido marginal, resíduo de significado
quanto mais silos de sentidos acumulados
arsenais exegéticos, gamas de visão
veios de des(entendimentos), quanto mais
pólens de debates, ganga puda, ruídos ávidos

Extênuo. Aborto de palavras convenientes.

Comtino, trena, mas sem alma ou uivo.

Só a guerra dos vários ângulos
e das enervações elova (ou baixa) o poema
à potência válida, à condição
de objeto cru da fruição intelectual
ou sensível do leitor, à categoria de poema.

O poema de sentido pacífico, indubitável
(de sentido já estabelecido antes da leitura
dado a priori, predefinido exaustivamente)
é inofensivo, Eurico decidido, impotente, nada
(para não dizer que não falei de flores, jasmim)
para não dizer medíocre duplamente
(por vir de poeta medíocre para leitor, mas medíocre ainda).

GRANDEZA DE DEUS

À potência do céu estrelado.

À noite do pensamento.

Ao mistério das estrelas anãs.

Aos bilhões de buracos negros, essas

feras famintas de Deus

que devoram galáxias a toda hora.

Ao poeta (ou poetisa) que é Deus.

O universo é tão grande

(inacessível, insutado)

que Deus se perde

de vez em quando

no labirinto sem fim das galáxias.

(e não nos atende de pronto).

CONFISSÕES VITAIS (7)

Tenho fantasias atraseiradas
constantemente
veem-me à mente suja
brincos trazeiros, seios morenos eretos
(como coqueirais praiheiros).

Tenho fantasias de nádegas brancas
como domingos de ramos
pouco adiposas
mas imensas como o universo.

(Me mostre teu eu costume
pensar em perguntar a certas leitoras).

(Desisto porque o pensamento está em extinção.

E a verdade desapoditicou-se.

Questões vitais nos são sonegadas.

E o mistério descomunal das nádegas
continua invencível ou irretratável).

(o que vi no aniversário de Bocão
prefeito sentimental do Recife
não existe).

QUESTÕES VITAIS

Qual o futuro do pensamento?

A vida tem futuro?

Que verso curto colocar

no túmulo da poesia?

Por que a lápide da poesia

deve ser de madrepérola?

Depois que Einstein provou

da velocidade da luz (sem éter ou curso)

de 300.000 quilômetros por segundo

as coisas ficaram mais próximas ou distantes?

A única coisa que eu sei

é que o futuro é logo ali.

Mas muitos dizem que o melhor do futuro

é o passado.

Num quarto escuso
de que o lume saíra há muito
há muita sombra
e estipêndio de alfombra
além de vértebras de luz despedaçada
além de mistérios escandidos
em poemas astutos (e publicáveis).

QUATRO TIPOS DE LOUCURA

As quatro espécies de loucura divina (divo furor).

Loucura profética, sob impulso de Apolo.

Loucura ritual, sob bênção de Dioniso.

Loucura erótica, sob égide de Vênus.

Loucura poética, sob acicate das Musas.

E que louco melhor

para delas falar

que o divino e delirante Platão.

SOBRE DESTINO E INFIDELIDADE

O destino é uma trama

(que nunca se desfaz

mas se cumpre inteiro).

O de Ulisses foi (arejado, marcado)

divagar pelos quatro mares do mundo

atravessar escolhos e solidão

até o leito infiel de Penélope

e dormir sobre o sêmen dos pretendentes.

RETRAÇO DO POETA QUANDO VELHO

É preciso abandonar o navio
e sepultar os portos.
Ouvir corvos sobre o Tâmisia
Arremedar papagaios em abril.
Consultar o pó para nascer.
Incluir um estação no inferno quando morrer.
Sobre calçadas descalças
Colocar os pes nus.
Aprender com abelhas
a tecer mel de cansaços.
Mantenha o tédio informado
ou acantonado como glebas.
O açoitado do açafreão em azul coagulado
As rugas do poeta amareladas.

AS CINZAS DA GLÓRIA

Extraia músicas de bentevis e soprano
colecciona cardos para quando faltasse
água potável da alma.

Verão amotinada em seu espírito

Hinos de alumínio cinzelava

Quando anoitecia.

Sol já não se levanta

na tua alma de sede.

Seda erma servia

de apanágio para tua lida.

Colecciona léu e rosas roxas

para a núpcia com a morte.

Ela via pêndulos através do frio

criador de Garanhuns.

EU ERMO (TU ERMAS?)

O ermo é impar
e sacro
lugar onde o deserto é pouco
e o corpo avaro
e a alma árida.

O ermo é secular
e concha de obituários.

O ermo é veloz
e lento
é vivo mas morto.

O ermo é vital.

É como uma praça
coalhada de povo.

O ermo é parco e cívico.

BERÇO DA MORTE

O berço é a estação
de partida para a morte.

O deslanche para o túmulo, a fome
que a eternidade consome.

A odisséia da vida
finda com a morte
sua ítaca.

Penélope é onde se enterra
a ilusão da vida

morte, momento mágico
instante vital do vivo.

SOBRE A POESIA PARA REFORÇAR O LEITOR**(A NÃO DESISTIR ANTE A SELVA****SELVAGGIA DA POESIA NEOMODERNA)**

Foi Mallarmé quem inventou
a moderna linguagem poética?
Ou Heráclito, o obscuro, o precursor
da nossa poesia atual?

Conspiração de Orfeu, Hermes e cia
à sombra ardente dos rios do Peloponeso
à beira dos regatos de Elêusis
(ou mesmo nas ribeiras do Aqueronte
Rodeadas de asfódelos)?
Que fale o leitor! Ou se cale
por todos os séculos além. Ante
a criatura do cálamo da alma (o poema).
Ou calce alguma sandália que o Etna devolva.
E caminhe para Heidelberg. Em busca da voz.

POESIA

A poesia é um casulo de palavras
antro de proliferação de fragmentos verbais
prole de sentidos rimbaldianos
usina de sintagmas onde demiurgos
siderurgiam vozes do amálgama de palavras
extraem sentidos, multiplicam imagens
engenho da imaginação da linguagem
ostra de significantes, concha
de vivas sílabas reluzindo
como amapolas ou nerúfares perfeitos.

É nácar a mãe da pérola do verbo.

É de níquel a alma (e o corpo) da palavra.

A poesia é um casamento de palavras.

NÚPCIAS CRUAS

As palavras têm cio
que desperta no poema.
Quando o poeta casa as palavras
(cuja disparidade gera a necessária energia)
elas entram em orgasmo
e parte desse gozo possui o poeta
que entra em ereção com o poema
erguido na página, leito filológico
da cópula da palavra com a palavra
certa sociedade findo o verso o completa.

Ao acasalar palavras o poeta
insano sacerdote, cafetão do verbo
deixa esvoaçar o viço
que elas detêm
desse conúbio de imagens.

Minha poesia é intuição escrito.

Se narro, narro as aventuras da palavra.

As seleciono e acasale. VCA.

As intuições do poeta

são as aventuras esquecidas de Deus.

Elias Canetti

As duas únicas e absolutas exigências

Para ser um grande pintor:

Ser espanhol e se chamar Salvador Dali.

(Receita do próprio)

Minha mãe queria que eu fosse padre

Porque poderia ser papa. Meu par

Que eu fosse soldado, para ser general.,

Resolvi ser um pintor. Sou Picasso. (Do próprio).

POEMA: VEIA DA PALAVRA

A poesia respira pelos poros e cones

Dos fragmentos das frases.

A frase íntegra é o pulmão da prosa.

A poesia conta a história da palavra

sua odisseia filosófica, narra

o desvario de seus sentidos (nada óbvios).

A prosa usa a palavra como bucha de canhão.

Mix de vozes e sílabas

compõe o poema.

A poesia é o conhecimento do obsceno.

Dos veios cristalinos do silêncio
se aprofunda o grito.

Uma pausa oblíqua descobre o poema
pausa de ar sem fôlego, queda no ímã da vida.

Esperar é um fio
à espera do corte.

Apure a trama, estique o fio
fibra a fibra desfia a vida.

Por híbridos emblemas do zodíaco
e palavras de selvagens sílabas fui
com Salvatore Q até
além das ondas da colina italiana.

Agora a seca repousa sobre a água
agora a lágrima encontra a mágoa

chuvas caíram como anáguas

missas de água se encenaram
na ardente oficina do meio-dia do mundo
ateliê do diabo semi-árido

capítulos se afogaram, versículos
vestiram sentidos irrazoáveis
ladainhas usaram togas
e tudo se fez nobre poesia

LEMBRETE AO LEITOR
(EM MEIO AO LIVRO)

A linguagem poética é forma, não substância.

É sistema, não nomenclatura.

Por isso nunca alcança a realidade.

É muito além de literatura.

A poesia não imita o real.

Finge que o imita. Cópia que não copia.

Mais do que sombra, biombo

Não é instrumental, preciso

Cirúrgico, definitivo como a prosa.

Mas tem a concisão de um bisturi.

Cria efeito de rela, ilusão de aparência.

Referência em poesia é acidental.

Vontade tentálica morre na praia.

Através rubicões atravessados, vou ao poema.

FRASES DA LUA (2)

Poeta numérico respira através de aparelhos.

Meu desalento não é de metal.

O hímen roto de Mallarmé procuro.

À pele de meu gládio macio.

A máscara é irmã do rosto

Como envelopes ou esparadrapos são as palavras.

O poeta é uma espécie de farmácia.

PERGUNTAS A RESPOSTAS

Suplício foi inventado para mártires.

Pátina para depósito de pós antigos.

Rosto para implicação de cosméticos.

No Brasil de 64 a pátria foi exilada.

Para os párias e para os ímpares.

Generais geopolíticos só viam seus narizes e as rédeas.

Do portal de onde viemos
para o buraco aonde vamos
dista um átimo, dura um sítio.

Primal nudez e torva mortalha
berço e cova, carne e pó.

E alma? Onde fica quando nos deixa? Deixa?

RESUMO

Sáimos nus do ventre macio da mãe
para o catre da vida
por esse transito engarrafado traçamos
uma odisseia em pedaços intransponíveis
caminho duros, ermo, roto
para o útero da sepultura
(que aberto nos espera desde o berço)
não mais nu mas amortalhados.

Para o descrédito do tempo
para a vileza dos dias
por Deus para o nada
esses dois extremos
em que ondulamos.

Tudo não merece nem esse resumo crasso.

COITADO LEITOR

O leitor de poesia – por vício ocupacional
do texto parnasiano (sobrevivente inusitado)
que aqui se chamou de romântica
tende (ou continua) a procurar conceitos
no poema e não imagens. Então, quebra a cara.
Escorrega, desliza pela página como um parque aquático
passa ridículo. Segue em branco, longe da verdade.
Por isso a poesia detém sua verdade.
Ínsita, soberana, peculiar (apodítica).
A atitude desse leitor ignato
é decifrar conceitos (e se embasbaca com imagens)
descobrir definições, fechar silogismos.
É viviado em exegese, como um advogado. Por
Instinto ou definição.
Busca o sabor da ostra poética
sobre a crosta. O acepipe lógico.
O bônus gramatical. Coitado!

OREMOS

Devoto do teu corpo
ante estrela dos joelhos
entre rótulas macias me ajoelho extático
ereto, impaciente, substantivo
mordo o astro máximo
(além das luas do seio)
de tua carne excelsa
na rocha das coxas
sol que me alucina
a alma e o falo
a pele e o espírito
noite que me afaga
plena lua do delírio

Poço dos desejos
cratera de tanta beleza
tão feroso vulcão
vermelho e branco
lavas de viço
silos de cio loucos
de magmas tão íntimos
de sêmens incandescentes iluminado
recinto de carnes túmidas
e faminta onde dormem
todos os apocalipses
e as mais potentes
tempestades dos anelos se abandonam
e nós, homens, de joelhos e bocas oramos.

INVESTIGAÇÕES LÍRICAS

a Emil Cioran

Que temas para a poesia
que se queira fazer um dia?

(Não um fazedor Borges ou Brecht
que com argúcia de Bethoven
ou escândalos de Breton
mova o engenho, estro adestre
engendrem dínamos, atice usinas
da melhor poesia estampada
numa podre página de branco retinto
nervura, cerne, lenho de estribilho).

Me pergunta a mesa onde
Exibem-se página branca e seu pecado.

Sábado à tarde, advérbios urbanos
substantivos perdidos no leito do desengano
rios secos, ameixas delirando
ervilhas estupradas, bagos de tédio, fileira de lágrimas
quantas cinzentas, compostas de trégua
horas cônicas, sedas envergonhadas
cetins untuosos, pálidas anáguas
ecos de narcisos em saguões beges
fontes febris, espelhos sepultados
em túmulos de água redonda
poetas jogados a pátios abandonados
de domingos baldios acrisolados
em metades vermelhas de corações (à Ninzan)
abutres intactos, cedilhas em férias
gozos acolchoados em manequins de vanádios
jaulas sem beija-flores, papoulas sem tório
cálice de flores cheio de sáurio
sílabas cilíndricas, dezembros capricornianos.

Mas eis que Bortes salta como tigre de Bengala
coágulos lança sobre o baço da tarde
e de pé como um salgueiro de Sião ora à noite
deserta de sua aderência à palavra selvagem.
Encara a lua defronte como um arcanjo
espreita a porta fechada do céu.

E se confessa: sou essa torpe
intensidade que é a alma
sou o caminho crucificado, cruas
e nuas ruas bifurcando-se como galhos
de veado ou ramos de lentilhas.

E atravessa com palavras
a dura topografia do espírito sente
o céu declinando na bacia do mar
no pátio da alma bebendo espumas
pensando serem nuvens.

Breton segue cultuando a navalha
com que escanhou os sonhos adverbais
de seu tempo inacessível.

Atravessei vestíbulos, transpus urdumes
e álgebras, cardumes de adjetivo
conduzi a meu redil e alforje
das sacadas que dão para velórios
janelas frias descortinei horizonte evos
entre os mortos com suas horas passadas
e podres como a glória ou o poder
ruas sórdidas de penúria e ocaso ouvi
pátios indolentes onde se derramam
céus vagarosos de abril encruelizado
lâmpadas de estrelas de luz baça
e mortiço brilho vi
à distância de uma pausa ou de uma sílaba
descansei quando senti jazidas de vento
arrostando o convés
abertas ao mineiro mar de maio.

Quinto dia da travessia do Atlântico

(em pleno périplo) 2011

POEMA IDO**A estação que ama o poente**

Eis a aguerrida estação
cheia de cólera amarela
guerreiro cinza cujo elmo
tem forma de folha caída
e o cajado é de ouro oblíquo.

Morreu o romantismo.
Enterrem-no
de uma vez por todas
para sempre.

SECO CORAÇÃO

Ouro delira
destilado das folhas
que o outono declara

No céu não se crava mais estrela
a cada donzela morta: Deus
deixou de ser romântico.

("A cor amarela do outono
é apenas um anjo triste")

Carlos Becerra)

“E sei que existo quando
Em quietos lagos me debruço”.

Alfredo Guizado

Sou a distância de mim sobre outeiros.
Passo como galope errante de corcéis.

FATOS

Mal à taça vazia do qual

Fel sua borda assoma

O véu da noiva já semeia olvido

seus cetins abeiram vértices de desatino

mal a cereja do bolo da boca

bêbada de um conviva é cuspida

mal o último som ensurdece a sala

ou os nubentes silenciam a decepção

e se anuvia a fuga dos noivos

a leite macio onde áspera intempérie

o primeiro orgasmo codicia

e paz de abismo se anuncia.

Mal à taça vazia do mel

o fel sua borda avizinha.

DÍSTICO INDAGATIVO

Para onde vai a dor

quando se esgotam as alegrias?

TRÊS POEMAS ACRES DE 2001

No altar da tarde o ergo bêbada prece
de copo em copo como borboletas esparso
saudades por sobre a mesa dos amigos
poetas de um tempo passado antropófago
quase afogado em lágrimas subterrâneas
elevo ao olhar brinde morto
ofereço círios em vez de rosas (às amadas
mais infiéis e desalmadas)
desertos em lugar de fontes
erma sede de alma e corpo

e choro para os poetas que partiram
(meu coração nu, oco, covarde, cansado)
para outras páginas, paramos, destinos
(que um dia seguirei inconformado (e ébrio)).

Sei que sombras revoam com meus gestos
adivinhando arcadas rotas, âncoras afogadas
tábuas e de álgebras para cálculo de alma.

Me malizo em objetos não sonhados
em portos sepultos aporto
dos destroços de lírios me despeço

o luar ora, chora a manhã órfã
catedral de joelhos reza ao infinito
da noite estrelada de silencio imortal.

Orações de milho golpeiam-se o peito
orações vazias correm em minhas veias tristes
dos olhos voam joalherias imprecisas.

Rumor de ouro ronda-me
a fatigada retina.

Sombra sobre a tarde
de minha vida debruçada
e comovida parece
sarça morta ou corça já sem vida.

Tarde, trigo que agoniza
sombras que se adentram
tristeza de copos vazios
na mesa descorada e fria

do bar do fim da vida a placa
é proibido ser é bem visível
aqui não é lugar de beber
mas de chorar.

Olhares esgazeados
farra finda.

D'ABUTRES E CERTEZAS

Das vísceras dos áugeres
abutres s'engalfinham
porvir adivinham
da mais promissora fatias
de rins supurado
e intestinos inchados
tiram o futuro humano.

Do fígado d'abutres hábeis águres
carnificina iniciam
entre torpes vísceras descortinam
pedaços das entranhas do futuro.

Visões rapaces
corvos catam
do fígado untuoso de Prometeu.

Do sigiloso pâncreas dos profetas
visões intestinos captam-se.

Vaticínios flagram-se
das vísceras das ladainhas.

POEMA I

Mãos que aliciam
o gesto oleiro
e conduzem o barro
a seu destino.

POEMA II

Mãos que moem palavras
destilam cruamente
significados na página
estupram o sentido
inútil do humano.

E injuriam o tênue esplendor
que aliena o espírito.

Mãos dadas com o chão
mãos cortadas sem perdão.

Mãos que se levam
de significados consumidos
por objetos predadores.

CAMINHO MORTAL DO POEMA

Pelos lábios do dicionário
e becos sintáticos
e ciladas da gramática sigo
em direção ao centro do poema
em busca do sentido perdido.

Atravesso as pupilas das moscas
o exército indecoroso dos gusanos
sempre a postos em todo o percurso
alcanço o âmago do ômega
a linfa alfa e morro.

DESGOTO DE DEUS

Quando tudo ainda estava-se criando
e o senhor ocupado suava da lida inútil
do infinito esforço vão
as divas não já muito gastas
de tanto amaciar o barro
e modelar a vida
com a argila da imaginação oleira
(ofício desse Ser Artista tão Alto)
a força ainda incompleta
(a usina do Demiurgo plena)
o distante domingo apenas uma meta
Ele a medita ainda no cálculo da borboleta

Sentiu de súbito
num relâmpago do divo pensamento
a inutilidade de tudo aquilo
o desperdício do sopro
mas vão desistiu (nfelizmente).

ROSAS DE CIMENTO

O cansaço das flores

Rosas deprimidas

Aromas mortuários

(despendidos dos narizes mortos)

cores estagnadas

ruas podres estendidas

entre fontes cegas e poços de alegria

relva em desespero

folhas abandonadas

pelas árvores outonais

(com tua alma por mim

amara e Dulce leitora)

corolas estupradas

madressilvas agonizando

sobre o nome.

(No centro da avenida CDA

esqueletos de rosas

brotadas do asfalto).

QUATRO POEMAS DE 2011

Na loja de acessórios para suicidas
e papéis especiais para últimas cartas
(com modelos carismáticos de bilhetes desesperados)
e folhas soltas com instruções detalhadas
para extremas-unções de emergência
comprei um gato malhado
e um jarro morto de flores cruzadas.
(A loja de penhores mortuários era vizinha).

Toda desmesura é inocente li
num anúncio zen
(e todo pudico é culpado pensei).

Facilidades para o trânsito
Rezava uma placa herege
(e indolores remédios para a alma).

Noites dependuras de armários solares
entre cabides de sombra
e temores de acrílico.

SONO DE SEDA

Sono do poeta de seda
de ávida nuvem o rosto
infestado de desejo e espera
da palavra que venha grávida
de desespera e serva.

Copor de poeta tem brancura
de lento fêmur de touro
e testículo de anjo
e cor da noite hiante.

Horizontes dormem em seu dorso.
Em sua clavícula amapolas se levantam.
Saudade de poeta é de cambraia azul
(e o cetim do olhar aluina).
É de seda carnívora sono de poeta.

(poema bem autobiográfico)